

Obras vão gerar 6 mil vagas e investimentos de R\$ 1,2 bilhão

SALVADOR A Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (Sedur) liberou quatro alvarás para construtoras neste ano. De acordo com a pasta, a ação irá gerar 6 mil empregos diretos pelo prazo de, no mínimo, dois anos e vão resultar em R\$ 1,2 bilhão em investimentos na cidade. Os quatro empreendimentos imobiliários são localizados na Avenida Paralela, um próximo de Mussurunga, da construtora MRV, e três próximos de Cajazeira, da construtora Tenda. A medida integra o eixo Negócios do Salvador 360, que incentiva a atração de novas empresas para a cidade.

No ano passado, o eixo Negócios foi responsável por R\$ 1,7 bilhão em investimentos na cidade – a maior parte do setor de varejo.

O Salvador 360 estimulou os setores da construção civil, call center, turismo, varejo, têxtil, tecnologia e economia criativa. Entre os incentivos fornecidos para eles estão a redução em 50% da outorga onerosa para o mercado da construção civil,

isenção de 50% do IPTU por 36 meses para empresas de call center e cobrança de apenas 2% do ISS para empreendimentos turísticos e hoteleiros com investimentos a partir de R\$ 3 milhões.

Em número de pessoas empregadas, Salvador só perde para São Paulo e Rio de Janeiro. A capital ocupa o terceiro lugar na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Contínua (Pnad - C), divulgada pelo

“Somos os primeiros em geração de emprego no Norte e Nordeste e terceiros no Brasil ACM Neto

Prefeito, destacando o desempenho da capital na geração de empregos

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com mais de 1,5 milhão de ocupados e redução na desocupação de 16,5% para 13,6%, na comparação com o quarto trimestre de 2016.

O prefeito ACM Neto comemorou o resultado da pesquisa e afirmou que o “título de capital do desemprego ficou no passado”.

“Quando assumi o segundo mandato de prefeito, disse que enfrentaria esse problema, que é nacional, mas que tínhamos possibilidade de trabalhar para mudar o cenário. Por isso criamos o programa Salvador 360, para ativar a economia e garantir a geração de empregos. Estamos abrindo mão de R\$ 65 milhões em arrecadação com esses incentivos. Além de garantir cerca de R\$ 3 bilhões em recursos para obras públicas de infraestrutura. Somos agora os primeiros em geração de emprego no Norte e Nordeste e terceiros no Brasil”, disse, durante a entrega dos títulos de posse de terra a moradores da Baixa do Soronha, em Itapuã.

PROGRAMA DE REFINANCIAMENTO RECEBE CALOTE

REFIS FEDERAL Devedores que aderiram ao último Refis – programa que dá desconto em multas e juros de débitos tributários – já deram um calote de R\$ 3,1 bilhões desde o início do último programa, em maio de 2017. Um pente-fino feito pela Receita mostra que 1.320 contribuintes (entre os maiores devedores) já foram notificados por terem deixado de pagar os tributos correntes após aderirem ao Refis, que permitiu o parcelamento de débitos vencidos até abril de 2017. O número deve crescer, pois o órgão já prepara um novo lote de cobrança bilionária. Até agora, apenas 211 dos notificados regularizaram a situação. Os contribuintes precisam quitar as parcelas em dia para manter os benefícios, sob pena de exclusão do programa.

1B|

de reais em dívidas foram pagos através do programa de refinanciamento

ELETOBRAS PERDE PARTICIPAÇÃO NO SETOR ENERGÉTICO

GERAÇÃO Negócios mal-sucedidos e o constante uso político da Eletrobras acabaram por minar as forças da estatal na expansão do setor elétrico brasileiro. De 2011 para cá, a participação da empresa na capacidade instalada do país caiu de 36% para 31%. Nesse período, a empresa contribuiu com apenas 15% do aumento da expansão do sistema elétrico, enquanto a iniciativa privada (e estatais estaduais) foi responsável por 85%. Para ter ideia, quando ampliado esse período, entre 2002 e 2016, a Eletrobras participou com 28% da expansão da geração. Os motivos para a perda de relevância no setor são variados. Historicamente, as controladas da Eletrobras sempre tiveram vida independente e não prestavam contas do que faziam.

31%

foi participação da Eletrobras no total de energia gerada pelo Brasil no ano passado

miriam leitão



blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/

O primeiro objetivo do presidente Temer ao se colocar como candidato é adiar a hora em que será um pato manco, um governante sem poder, em fim de mandato. Temer quer manter a ideia de que tem um horizonte amplo. A expectativa de que possa ter poder no futuro aumenta sua força agora. Seu movimento levou ao imprevisto do ministro Henrique Meirelles, considerando encerrado seu tempo na Fazenda.

O Brasil terminou a semana com duas estranhezas. Um presidente impopular que tem ambições de permanecer no cargo e por isso todos os seus atos serão considerados de campanha, e um ministro da Fazenda que já encerrou o expediente, mas ainda não deixou o cargo.

Temer e seu grupo são profissionais do poder, sempre estiveram colados aos cascos dos navios, e agora estão no comando. Seus ministros mais próximos são investigados, e, se continuarem ministros, terão a vantagem do foro privilegiado. Isso sem falar em outras regalias. Ele próprio tem uma vantagem decorrente de uma falha na lei eleitoral: pode disputar a eleição estando no poder, enquanto seus concorrentes precisarão estar

fora de qualquer cargo.

O ministro Henrique Meirelles tem bons serviços prestados, tanto no Ministério da Fazenda quanto no Banco Central. Ajudou o ex-presidente Lula a vencer a desconfiança contra ele, que, em 2003, elevava o dólar, a inflação e o risco-país. Depois, foi o ponto de resistência contra as propostas econômicas equivocadas do partido do então presidente. No Ministério da Fazenda, montou uma boa equipe. Ele, sua equipe e um competente Banco Central tiraram o país da inflação de quase dois dígitos e da recessão.

O problema do ministro é que ele não tem os atributos de comunicação naturais de um candidato. Sua única experiência com as urnas foi no seu estado

natal, Goiás, numa eleição proporcional. É difícil imaginar Meirelles empolgando as massas em um palanque ou usando de forma convincente o horário eleitoral.

Meirelles não fez um anúncio formal sobre a candidatura. Num entrevista à rádio Itatiaia, disse que sua etapa à frente do ministério está cumprida e que estava “contemplando” a possibilidade de se candidatar. Mais tarde, em entrevista à CBN, confirmou sua ambição de concorrer. Um ministro da Fazenda diz que essa etapa de sua vida está encerrada tem que, em seguida, entregar o cargo. Mas ele disse que a candidatura ainda depende de alguns fatores. Um deles é ter estrutura partidária. Se Meirelles anda se aconse-

lhando com marqueteiros experientes como Duda Mendonça, deve ter ouvido que esse anúncio na condicional o deixa num limbo. Nem é mais ministro da Fazenda, nem ainda é candidato. Fica difícil entender a estratégia de Meirelles.

Temer tem ouvido que, se há um legado do seu governo, ele mesmo deve se aproveitar disso. Vários dos que estão no seu grupo dependem dessa vitória, como biombo contra a Justiça. O STF, pela sua espantosa lentidão, faz com que o foro seja um excelente negócio. A prerrogativa pode ser restringida, mas essa decisão ficou presa na armadilha Dias Toffoli. O ministro interrompeu a tomada de decisão do STF sob o argumento de

que o Congresso estava deliberando sobre isso, e os políticos engavetaram o assunto. Agora a intervenção trançou a gaveta com chave.

Temer e Meirelles têm o mesmo pensamento. Ambos calculam que a economia vai crescer este ano e com inflação baixa, aumentando a sensação de conforto econômico. Ambos acham que podem ser beneficiários desse momento. A recuperação, desta vez, tem características próprias. O desemprego permanece muito alto, e a sensação de insegurança está presente nas famílias. Há bons indicadores de melhora. É possível medi-los, mas ainda é difícil senti-los. É improvável que o tímido fim da recessão, em ambiente hostil de desemprego e renda, seja capaz de alavancar candidatos que pontuam tão pouco nas pesquisas. Há outros itens na agenda do brasileiro. A intervenção federal na segurança do Rio é manobra que tem muitos riscos e, se trouxer ganhos, serão longo prazo. A candidatura de Temer aumentará o combate à intervenção, porque ela será vista como manobra eleitoral. As ambições do presidente tornam ainda mais difícil esse fim de governo.

Fogueira das vaidades

1 IMPOPULAR
Presidente impopular quer se reeleger, e ministro da Fazenda candidato não deixa o cargo

2 SEM PERSPECTIVA
Temer tenta adiar a hora em que se tornará um "pato manco", ou governante sem perspectiva de poder

3 POUCO PROVÁVEL
Ambos apostam na recuperação econômica, mas é pouco provável que ela alavanque candidaturas